



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFOP
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



GIANCARLLO PINHEIRO CARNEIRO

**A VISÃO DE TREINADORES (AS) DE FUTEBOL SOBRE AS
DIMENSÕES DO TREINAMENTO NA INICIAÇÃO
ESPORTIVA**

Ouro Preto, MG

2026

Giancarlo Pinheiro Carneiro

**A VISÃO DE TREINADORES (AS) DE FUTEBOL SOBRE AS
DIMENSÕES DO TREINAMENTO NA INICIAÇÃO
ESPORTIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Área de concentração: Futebol.

Orientadora: Dra. Siomara Aparecida da Silva.

Ouro Preto, MG

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C289a Carneiro, Giancarlo Pinheiro.

A visão de treinadores (as) sobre as dimensões do treinamento na iniciação esportiva. [manuscrito] / Giancarlo Pinheiro Carneiro. - 2026. 37 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Siomara Aparecida Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .
Área de Concentração: Treinamento Esportivo.

1. Treinadores de futebol. 2. Futebol. 3. Iniciação Esportiva. 4. Desporto. I. Silva, Siomara Aparecida. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 796.071.43

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



FOLHA DE APROVAÇÃO

Giancarlo Pinheiro Carneiro

A visão de treinadores (as) de futebol sobre as dimensões do treinamento na iniciação esportiva

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em 03 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Profa Dra Siomara Aparecida da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Ma. Bárbara Aparecida Bepler Pires- Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. Renato Lopes - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa Dra Siomara Aparecida da Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/02/2026



Documento assinado eletronicamente por **Siomara Aparecida da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/04/2026, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1083616** e o código CRC **4AAD3ACF**.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus; sem Ele, sei que nada disso seria possível. Agradeço também aos meus pais, Jivago e Dalva; ao meu irmão, Gianluca; à minha avó Sônia; ao meu tio Renato; e à minha madrinha Lara, por serem presentes e não medirem esforços pela minha felicidade. Estendo ainda o agradecimento a todos os familiares que torceram e me ajudaram de alguma forma ao longo de todo esse percurso.

Ao Futsal UFOP, IFMG Ouro Preto e PSG Academy BH, meu muito obrigado pelas oportunidades de trabalhar com a minha maior paixão e vivenciar tantas experiências positivas. Cada professor, atleta, sessão de treino, reunião de planejamento ou momento de descontração, nesses lugares contribuíram imensamente para minha formação profissional e pessoal. Ao Mestre Renato Lopes, Siomara Aparecida, Júlio Neves, William Alves, Rafael Dogliani, Luísa Silva, Matheus Alves e José Porfírio, que, além de mentores, se tornaram grandes amigos, e me ensinaram muito sobre a nossa profissão, liderança e sobre a vida. Ubuntu, pessoal!

À gloriosa República Província, meu lar durante a graduação. Na companhia de ex-moradores, atuais residentes, bixos e agregados, vivi alguns dos meus melhores momentos nessa cidade histórica. Sou grato por essas experiências especiais com um grupo seletivo de pessoas que guardarei para sempre no meu coração. “Fugindo da polícia, encontrei a Província...”

Aos meus grandes amigos que me acompanharam pessoal e profissionalmente, Gabriel Gregório e Raphael Braz, por termos nos tornado família nos momentos em que precisávamos. Aos amigos que me acompanham há muitos anos — Alberto Badini, Pedro Mineiro, Álvaro Lima, André Azoubel, Augusto Costa, Bruno Dobscha, Fernando Freitas, Gustavo Gomes, Ferreira, Lucas Oliveira, Rafael Peret, Samuel Wex, Yan Lucas, Zé Renato, Miguel Rodrigues, Matheus Siqueira, João Marcelo, Daniela Oliveira, Fernanda Ribeiro e Carol Tropa —, por terem se tornado pilares fundamentais na minha vida. O TWELVES é gigante!

E, por fim, à Universidade Federal de Ouro Preto, à Escola de Educação Física da UFOP e a todos os professores que, com seu jeito único, me inspiraram e instruíram para que eu me tornasse a minha melhor versão. Sou muito grato por esses e outros encontros.

“Ergue essa cabeça, mete o pé e vai na fé
Manda essa tristeza embora
Basta acreditar que um novo dia vai raiar
Sua hora vai chegar”

Xande Pilares

RESUMO

Os primeiros contatos com o futebol iniciam-se na infância, por meio da prática com familiares, amigos ou em escolas especializadas no ensino da modalidade. Neste último, o responsável pelo desenvolvimento dos atletas e da sua equipe, perpassando pelo planejamento dos treinos e sua execução, em conjunto com sua comissão técnica, é o treinador (a). Para além dos métodos de ensino e as sessões de treinamento propriamente ditas, os treinadores (as) devem se preocupar com o desenvolvimento de avaliações para seus alunos e atletas, sustentando o processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Neste contexto, o objetivo do presente estudo é analisar a visão e o conhecimento de treinadores (as) de futebol, acerca das dimensões técnica, tática e física na iniciação esportiva, e avaliações dos atletas. Trata-se de uma pesquisa descritiva e transversal voltada para a análise do conhecimento e das crenças dos treinadores (as) de futebol sobre os conteúdos da prática da modalidade. Foi desenvolvida a partir de um questionário construído no Google Forms construído pelos pesquisadores, específico para este estudo. Os achados destacam que as diferentes formações acadêmicas dos profissionais de Educação Física, e a vida pregressa, influenciam as percepções sobre o agir no treinamento técnico, tático, físico e avaliativo no treinamento de atletas iniciantes. Todavia, outras crenças são comuns e bem difundidas entre a maioria dos profissionais que trabalham com o futebol, impactando na sua relação com a prática.

Palavras-chave: Treinadores de futebol; Futebol; Iniciação Esportiva; Desporto.

ABSTRACT

The first contacts with football begin in childhood, through practice with family, friends, or in schools specializing in teaching the sport. In the latter, the person responsible for the development of athletes and their team, encompassing the planning and execution of training sessions, together with their technical staff, is the coach. Beyond teaching methods and training sessions themselves, coaches must be concerned with developing assessments for their students and athletes, supporting the teaching-learning-training process. The objective of this study is to analyze the vision and knowledge of football coaches in youth categories and other contexts regarding the technical, tactical, and physical dimensions in sports initiation, also encompassing the processes of athlete evaluations. This is a descriptive and cross-sectional study focused on analyzing the knowledge and beliefs of football coaches regarding the content of training and evaluation dimensions in the initiation of the sport. This study was developed using only one instrument: a questionnaire built on Google Forms, divided into objective and open-ended questions, covering topics such as the professional's prior experience as a coach and their current work context. The findings highlight that the diverse academic and prior training backgrounds of Physical Education professionals influence certain perceptions about technical, tactical, and physical training in the initial stages of a career in sports, as well as the existence of evaluative processes that support the teaching-learning-training process for athletes. However, other beliefs are common and widespread among most professionals working in soccer, impacting their relationship with the practice.

Keywords: Soccer coaches; Football; Sports Initiation; Sports.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sessões voltadas para a tática	16
Tabela 2 – Sessões voltadas para a técnica.....	17
Tabela 3 – Sessões voltadas para o físico.....	17
Tabela 4 – Sessões voltadas para a tática (1).....	18
Tabela 5 – Sessões voltadas para a técnica (1).....	19
Tabela 6 – Sessões voltadas para o físico (1).	19
Tabela 7 – Sessões voltadas para a tática (2).	20
Tabela 8 – Sessões voltadas para a técnica (2).....	21
Tabela 9 – Sessões voltadas para o físico (2).	22
Tabela 10 – Conteúdo técnico mais abordado.....	23
Tabela 11 – Conteúdo físico mais abordado.	25
Tabela 12 – Conteúdo tático mais abordado.	28
Tabela 13 – Processos de avaliações dos profissionais.	30

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

JEC – Jogos Esportivos Coletivos;

CBF – Confederação Brasileira de Futebol;

CBF Academy – Escola de Treinadores da Confederação Brasileira de Futebol;

EAT – Processo de ensino, aprendizagem e treinamento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	13
2. METODOLOGIA	15
2.1. Amostra	15
2.2. Métodos e procedimentos	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1. Divisão das sessões dentro das dimensões de treinamento no futebol	16
3.2. Conteúdo técnico mais abordado nas sessões de treinamento.....	23
3.3. Conteúdo físico mais abordado nas sessões de treinamento	25
3.4. Conteúdo tático mais abordado nas sessões de treinamento	28
3.5. Condução de processos avaliativos periodizados	30
4. CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, envolvendo milhões de pessoas, seja como praticantes ou torcedores. Sua capacidade de surpreender a cada jogo e trazer emoções únicas é o que permite que crianças, adultos, homens e mulheres ao redor do globo se apaixonem com esse esporte (Costa, Machado e Cardoso, 2023).

Conforme os autores acima, geralmente os primeiros contatos com o futebol iniciam-se na infância, por meio da prática com familiares, amigos ou em escolas especializadas no ensino da modalidade. Para este último contexto, é fundamental que os professores inseridos neles considerem os objetivos estabelecidos para a escolha de um método a ser utilizado nas sessões de treinamento dessas escolinhas, buscando, por sua vez, harmonia entre as atividades propostas com o grau de desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos (Paes e Balbino, 2005). Isso porquê, o responsável pelo desenvolvimento dos atletas e da sua equipe, perpassando pelo planejamento dos treinos e sua execução, em conjunto com sua comissão técnica, é o treinador (a) (Barros et al., 2010; Santos et al., 2010).

Uma proposta para nortear as fases de formação no futebol (Costa, Machado e Cardoso, 2023) entende que é fundamental considerar os períodos de maturação do indivíduo para decidir os conteúdos e os métodos de aplicação, respeitando as janelas de desenvolvimento do aluno. De acordo com os autores, na fase de iniciação (3-10 anos), por conta da fase pré-puberal da maturação biológica, tem-se uma oportunidade maior para desenvolvimento de aspectos neurais e motores. Até os 6 anos a ênfase deve ser nos aspectos perceptivos corporais e de espaço, em conjunto com habilidades motoras fundamentais. Para a faixa etária superior, indica-se a ênfase da aprendizagem em movimentos especializados e as interações com o espaço de jogo e os colegas.

Para a fase de consolidação (11-16 anos), onde os indivíduos irão adentrar a puberdade, além da importância de avaliações que monitorem o processo maturacional, é fundamental que os atletas sejam expostos à dimensão cognitiva do jogo. Ainda segundo os autores, caso isso não seja realizado, o jovem pode crescer com uma debilidade em sua capacidade de leitura de jogo e tomada de decisão, se manifestando nos anos posteriores.

Por fim a fase de performance (17 anos em diante) é a última fase, em todos os indivíduos em tese já alcançaram a fase pós-puberal, e onde o treinamento continua a desenvolver uma alta capacidade às adaptações hormonais. Ocorre um aumento do volume das

cargas de treino e jogo e o foco principal passa a ser o resultado competitivo e a transição para profissionalização no esporte.

O futebol evoluiu exponencialmente, exigindo uma mudança paradigmática: a transição de metodologias analíticas para **métodos ativos** (Braz et al., 2011). Tal abordagem visa preparar o atleta para a imprevisibilidade do jogo (Maranha et al., 2024), o que demanda que teoria e prática caminhem indissociáveis.

Nesse cenário, a formação dos profissionais torna-se um ponto crítico. No Brasil, o caminho para a docência esportiva oscila entre a vivência prática como ex-atleta e a formação universitária, frequentemente complementadas pelas **Licenças da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)**. Enquanto o ex-atleta aporta um rico conhecimento interpessoal e prático, o acadêmico detém o embasamento científico; contudo, ambos podem apresentar lacunas em suas dimensões opostas (Fernandes et al., 2013).

Considerando que o conhecimento se constrói de forma **formal, não formal e informal** (Galatti et al., 2017), pressupõe-se que a formação continuada — seja via pós-graduação ou licenças técnicas — impacte diretamente as crenças e a eficácia das intervenções desses treinadores (as).

Para além dos métodos de ensino e as sessões de treinamento propriamente ditas, os treinadores (as) devem se preocupar com o desenvolvimento de avaliações para seus alunos e atletas, sustentando o processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Para Bloom, Hastings e Madaus (1983), avaliação é a coleta sistemática de dados a fim de verificar se de fato certas mudanças estão ocorrendo no aprendiz, bem como verificar a quantidade ou grau de mudança ocorrido em cada aluno. Esse processo sempre possui, ou deveria possuir, uma finalidade, logo aplica-se um teste avaliativo a fim de identificar se o aluno atingiu determinado objetivo educacional ou se dominou determinado conceito trabalhado (Leonardi et al., 2017). Ainda segundo os autores, a partir do resultado obtido, toma-se uma decisão sobre qual ação melhor se aplicaria sobre o resultado do teste e/ou sobre a necessidade do aluno sinalizada por este resultado.

Este estudo se justifica pela contribuição teórica que oferece acerca das visões de diferentes treinadores (as) de futebol sobre os conteúdos de treinamento e avaliação dentro da modalidade. Apesar do crescimento no número de estudos voltados ao treinamento no futebol, ainda se observa uma escassez de trabalhos que busquem relacionar diretamente esses

profissionais às suas aplicações práticas. Além disso, a pesquisa possibilita traçar diferentes perfis de treinadores (as) a partir de suas experiências prévias, o que pode ser útil para a identificação de lacunas de conhecimento, projeção de carreira, processos seletivos de contratação mais assertivos e aprimoramento dos processos de desenvolvimento de atletas na iniciação esportiva da modalidade.

A partir disso, o objetivo do presente estudo é analisar a visão e o conhecimento de treinadores (as) de futebol inseridos nas categorias de base - e em outros contextos de ensino da modalidade - acerca das três dimensões do treinamento (física, técnica e tática), os conteúdos predominantes dentro delas e sobre o processo de avaliação dos alunos.

2. METODOLOGIA.

2.1. Amostra

Trata-se de uma Pesquisa Descritiva e Transversal de Levantamento (Survey) voltada para a análise do conhecimento e crenças dos treinadores (as) de futebol acerca das dimensões de treinamento no futebol (física, técnica e tática) e instrumentos de avaliação voltados para a modalidade. O estudo contou com a participação de 57 treinadores (as) de futebol voluntários (as) (amostra não probabilística por conveniência), encontrados (as), através do método de bola de neve (Snowball Sampling) (Bockorni e Gomes, 2021), em grupos da modalidade criados nas redes sociais de comunicação, voltados especificamente para treinadores (as) como Whatsapp, Telegram, Facebook e Instagram, que atenderam aos critérios de inclusão: 1) profissional de Educação Física graduado, estudante de graduação, especializado em futebol ou ex-atleta com experiência profissional por 3 anos consecutivos ou 5 anos de maneira alternada; 2) aceitar participar do trabalho com a assinatura do TCLE. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto no parecer 4.144.346.

2.2. Métodos e procedimentos

Este trabalho foi desenvolvido a partir de apenas um instrumento, um questionário construído no Google Forms adaptado de Caríssimo et al. (2022), dividido em 11 perguntas objetivas e 15 dissertativas, totalizando 26 questões, com perguntas sobre a vida pregressa a de treinador (a) e sobre o contexto atual de trabalho dos profissionais. Oportunizou-se então um entendimento maior em relação ao conhecimento e crenças de treinadores (as) em relação ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento na iniciação esportiva do futebol.

Todas as perguntas do questionário foram direcionadas para os temas e objetivo do trabalho. Para esse tipo de estudo, os parâmetros de análise das respostas utilizados, foram estabelecidos previamente, sendo os mesmos determinados pelos pesquisadores (Patton, 2002). Os parâmetros foram voltados para: A) nível de conhecimento em relação às dimensões de treinamento do futebol; B) conteúdos de treinamento abordados; C) diferentes formações profissionais e características da amostra e suas influências na metodologia do profissional; D) conhecimento e utilização de instrumentos de avaliação com objetivos variados. Após a resposta dos questionários os dados foram tabulados no Microsoft Office® Excel versão 2013 e analisados via estatística descritiva (frequência absoluta e relativa).

Para um tratamento de dados mais assertivo a partir das respostas dos profissionais, utilizamos o método conhecido por Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Foram realizadas categorizações das respostas obtidas nas questões dissertativas do questionário, desenvolvidas a partir do que foi descrito pelos treinadores (as), agrupando todas as respostas em pequenos grupos a partir da semelhança entre elas. O número de caracterizações, para um total de 4 perguntas, variou entre 5 e 7.

Ao final dessa categorização inicial cada uma das respostas recebeu um número correspondente à sua categoria, englobando-as em pequenos grupos a partir de semelhanças qualitativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

A partir de informações a respeito da vida pregressa à de treinador (a), formação acadêmica do profissional e formação continuada (pós-graduações e licenças profissionais), buscou-se identificar se existem diferenças em como esses profissionais realizam a divisão de treinos dentro de cada uma das dimensões de treinamento no futebol, quais conteúdos técnicos, táticos e físicos são os mais abordados, e por fim, se eles realizam avaliações de maneira periodizada com seus atletas e quais instrumentos utilizam para tal.

3.1. Divisão das sessões dentro das dimensões de treinamento no futebol

Tabela 1 – Sessões voltadas para a tática

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Tática					
Ex-atletas	14,7%	26,5%	29,4%	20,6%	8,8%
Não-atletas	20,8%	20,8%	33,3%	16,7%	8,3%

Tanto os profissionais que foram ex-atletas quanto aqueles que nunca foram atletas da modalidade trabalham tática de maneira similar, porém os não-atletas atingiram um maior índice dentro da sua amostra, isso porque 74,9% deles afirmaram trabalhar conteúdos táticos entre 41% a 100% do total de suas sessões contra 70,6% dos ex-atletas.

Tabela 2 – Sessões voltadas para a técnica

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Técnica					
Ex-atletas	5,9%	14,7%	32,4%	35,3%	11,8%
Não-atletas	12,5%	16,7%	16,7%	37,5%	16,7%

Essa similaridade também foi percebida em relação ao trabalho de conteúdos técnicos, porém dessa vez os profissionais que foram atletas anteriormente apresentam valores um pouco maiores, tendo em vista que 53% deles afirmaram trabalhar a técnica entre 41% e 100% do total das suas sessões contra 45,9% dos não-atletas.

Tabela 3 – Sessões voltadas para o físico

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Física					
Ex-atletas	5,9%	8,8%	17,6%	29,4%	38,2%
Não-atletas	8,3%	12,5%	16,7%	25%	37,5%

Da mesma maneira, agora voltado para a análise da dimensão física, os índices alcançados pelas duas categorias de profissionais foram próximos. Todavia, enquanto 37,5% dos que nunca foram atletas acreditam desenvolver conteúdos físicos entre 41% e 100% de todos os seus treinamentos, apenas 32,3% dos profissionais que são ex-atletas descreveram trabalhar dessa maneira.

A partir destes achados, é possível supor que os profissionais oportunizados a vivenciar as experiências práticas ao serem atletas da modalidade tendem a trabalhar mais aspectos técnicos do jogo, enquanto os profissionais que não possuem essa experiência, provavelmente advindos exclusivamente da universidade, ordinariamente trabalham mais aspectos táticos e físicos dentro do futebol. Segundo Caríssimo et al. (2022) as duas origens são importantes e benéficas para o processo em si. Neste estudo os autores entrevistaram diversos profissionais da área e, sobre o ex-atleta, foi relatada a capacidade de gerir melhor o vestiário, além do conhecimento / vivência prática adquirida ao longo de sua carreira. Já sobre o acadêmico, foi relatado uma boa capacidade de se aprimorar de maneira regular, uma constância de estudos, um senso maior de paciência e reflexão em cima dos aprendizados.

Tabela 4 – Sessões voltadas para a tática (1)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Tática					
Licenciatura	28,6%	14,3%	14,3%	28,6%	14,3%
Bacharelado	11,5%	38,5%	30,8%	15,4%	3,8%

Não-graduados	0%	11,1%	33,3%	22,2%	33,3%
Dupla-graduação	31,25%	12,5%	37,5%	18,75%	0%

Os profissionais formados apenas em licenciatura são os que menos trabalham tática, seguidos pelos profissionais que não são graduados em educação física ou ainda estão nesta graduação. Os profissionais formados apenas em bacharelado ou nas duas graduações são aqueles que trabalham mais questões táticas dentro do planejamento geral em relação às diferentes amostras de treinadores (as). Isso fica visível nos números, pois enquanto “apenas” 57,2% dos profissionais formados apenas em licenciatura e 44,4% dos não graduados ou que ainda estão na graduação entendem trabalhar a tática em 41% a 100% de todas as suas sessões, para os profissionais graduados apenas em bacharelado e para os formados em ambas as graduações esses números atingem 80,8% e 81,25%, respectivamente.

Tabela 5 – Sessões voltadas para a técnica (1)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Técnica					
Licenciatura	28,6%	14,3%	28,6%	28,6%	0%
Bacharelado	0%	15,4%	26,9%	30,8%	26,9%
Não-graduados	0%	0%	55,6%	44,4%	0%
Dupla-graduação	18,75%	25%	6,25%	43,75%	6,25%

Em relação à dimensão técnica, os profissionais formados apenas em licenciatura são aqueles que mais trabalham questões técnicas dentro do seu contexto de atuação. Para efeito de comparação, 42,3% dos profissionais formados apenas em bacharelado, que são os que menos desenvolvem a técnica, descreveram que 41% a 100% do número total das suas sessões de treinamento possuem predominância de objetivos técnicos. Enquanto para os profissionais da licenciatura, 71,5% deles descreveram trabalhar dessa maneira.

Tabela 6 – Sessões voltadas para o físico (1)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Física					
Licenciatura	14,3%	14,3%	14,3%	42,9%	14,3%
Bacharelado	0%	7,7%	15,4%	30,8%	46,2%
Não-graduados	0%	11,1%	22,2%	22,2%	44,4%
Dupla-graduação	18,75%	12,5%	18,75%	18,75%	31,25%

Por fim, no que diz respeito aos conteúdos físicos, enquanto os profissionais formados em ambas as graduações são os que mais dedicam sessões com esse objetivo, aqueles graduados apenas em bacharel são os que afirmam desenvolver menos conteúdos físicos, índices de 50% e 23,1%, respectivamente, no mesmo intervalo de porcentagens utilizado anteriormente.

Sabe-se que a graduação em Educação Física apresenta conteúdos mais gerais, apresentando aspectos básicos do futebol que servem para nortear o conhecimento dos treinadores (as) acerca de todas as dimensões da modalidade e sobre a forma como ele quer jogar. Dessa forma cabe ao treinador (a) continuar a sua formação e atualização, buscando informações cada vez mais específicas que ele possa aprender e transmitir para suas equipes (Caríssimo et al., 2022).

Tabela 7 – Sessões voltadas para a tática (2)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Tática					
Pós-graduados	25%	18,75%	34,4%	18,75%	3,10%
Sem pós-graduação	7,7%	30,75%	26,95%	19,2%	15,4%
Treinadores Licenciados	18,2%	27,3%	22,7%	27,3%	4,5%

Sem licenças	16,7%	22,2%	36,1%	13,9%	11,1%
--------------	-------	-------	-------	-------	-------

Em relação à formação continuada, os profissionais que possuem pelo menos uma pós-graduação trabalham mais conteúdo táticos, proporcionais ao planejamento total deles, do que os profissionais que não possuem nenhuma pós-graduação, pois 78,15% dos pós-graduados afirmaram trabalhar conteúdos táticos entre 41% a 100% do total de suas sessões, enquanto 65,4% dos que não possuem pós descreveram dessa maneira o desenvolvimento tático realizado por eles. Todavia, contrariando as hipóteses prévias dos autores, os profissionais que não possuem nenhuma das licenças profissionalizantes de treinadores (as) trabalham mais conteúdos táticos quando comparados aos profissionais licenciados (75% dos não licenciados afirmaram trabalhar entre 41% a 100% de conteúdo táticos, enquanto 68,2% dos licenciados foram incluídos na mesma métrica). Esses achados corroboram com críticas direcionadas, por exemplo, aos cursos das licenças da CBF Academy, pois além de apresentarem uma carga horária teórico-prática que pode ser insuficiente, o alto volume de conhecimentos gerais também desagrada muitos profissionais que passaram pelo processo (Caríssimo et al., 2022).

Tabela 8 – Sessões voltadas para a técnica (2)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Técnica					
Pós-graduados	15,6%	9,4%	25%	37,5%	12,5%
Sem pós-graduação	0%	23,1%	26,9%	34,6%	15,4%
Treinadores Licenciados	13,6%	9,1%	27,3%	36,4%	13,6%
Sem licenças	5,6%	19,4%	25%	36,1%	13,9%

No que diz respeito à dimensão técnica, em relação à variável da pós-graduação, ambas as categorias de profissional abordam esse conteúdo de maneira similar, já que 50% dos

treinadores (as) de cada amostra afirmaram dedicar entre 41% a 100% das suas sessões para o desenvolvimento técnico. De encontro com esses achados, de maneira idêntica, analisou-se que para a variável das licenças de treinadores (as), tanto os profissionais que as possuem quanto os não-licenciados atingiram o mesmo índice no recorte indicado acima.

Tabela 9 – Sessões voltadas para o físico (2)

Dimensão	+81%	61% a 80%	41% a 60%	21% a 40%	Até 20%
Física					
Pós-graduados	12,5%	12,5%	21,9%	31,25%	21,9%
Sem pós-graduação	0%	7,7%	11,5%	23,1%	57,7%
Treinadores Licenciados	4,5%	18,2%	22,7%	31,8%	22,7%
Sem licenças	8,3%	5,6%	13,9%	25%	47,2%

Todavia, no que concerne a parte física, os profissionais pós-graduados e os licenciados efetivamente tendem a trabalhar um volume maior de conteúdos da parte física do que os profissionais sem pós-graduação e/ou licenças. Isso torna-se evidente quando a diferença e os dados das duas amostras são comparados, já que 46,9% dos pós-graduados e 45,4% dos licenciados descreveram trabalhar conteúdos físicos entre 41% a 100% do total de suas sessões contra apenas 19,2% dos que não possuem pós e 27,8% de treinadores (as) sem licença. Uma hipótese que pode explicar esses achados é que a partir de uma formação continuada, os profissionais podem se tornar familiares a modernas metodologias e abordagens de ensino, como por exemplo a utilização de jogos reduzidos, com visões menos analíticas e que buscam trazer especificidade ao desenvolvimento físico para o futebol. Um exemplo é a abordagem sistêmica que visualiza a modalidade a partir de uma inter-relação das suas componentes, segundo Frade (2006) o lado tático não pode ser dissociado das outras dimensões que o constituem, nomeadamente, a física, a psicológica, a técnica, a cognitiva, entre outras.

Algumas categorias de profissionais tendem a desenvolver mais a tática em seu contexto. Isso inclui os não-atletas, formados em bacharelado, formados em ambas as graduações, pós-graduados e treinadores (as) não licenciados, pois entendem que o ensino

contextualizado do jogo é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem no futebol. De acordo com Garganta (2001), em função disso, alguns treinadores (as) defendem a adoção de métodos de ensino mais próximos do contexto real do jogo. Esses métodos, continua o autor, estão relacionados com o reconhecimento da importância dos aspectos cognitivos como elementos fundamentais na formação de um jogador inteligente.

3.2. Conteúdo técnico mais abordado nas sessões de treinamento

Tabela 10 – Conteúdo técnico mais abordado

Conteúdo técnico	Aspectos coordenativos	Habilidades técnicas s/bola	Habilidades técnicas c/bola	Fundamentos goleiros	Sem descrição específica
Ex-atletas	5,9%	5,9%	67,6%	2,9%	17,6%
Não-atletas	4,2%	0%	75%	4,2%	16,7%
Licenciatura	14,3%	0%	57,1%	14,3%	14,3%
Bacharelado	3,85%	3,85%	76,9%	0%	15,4%
Não-graduados	11,1%	11,1%	77,8%	0%	0%
Dupla-graduação	0%	0%	62,5%	6,25%	31,25%
Pós-graduados	3,1%	3,1%	65,6%	3,1%	25%
Sem pós-graduação	7,7%	3,8%	76,9%	3,8%	7,7%
Treinadores Licenciados	0%	4,5%	68,2%	0%	27,3%
Sem licenças	8,3%	2,8%	72,2%	5,6%	11,1%

Tanto para os profissionais ex-atletas quanto no grupo dos não-atletas, a grande maioria descreve que desenvolve, dentro da dimensão técnica, principalmente as habilidades técnicas com bola (como por exemplo, a condução, finalização, o passe, entre outros). 67,6% dos ex-atletas e 75% dos não-atletas afirmaram trabalhar dessa maneira predominantemente e, apenas

5,9% e 4,2%, respectivamente, descreveram desenvolver principalmente aspectos coordenativos relacionados à técnica.

O mesmo foi identificado em relação à formação acadêmica inicial dos profissionais, onde a maioria de cada uma das amostras afirmou trabalhar predominantemente, dentro da dimensão técnica, com as habilidades com bola, conhecidos também como “fundamentos”. Os profissionais que atingiram maior índice nessa caracterização foram os formados apenas em bacharelado, com 76,9% da sua amostra, seguido pelos não graduados em Educação Física (ou ainda na graduação) com 77,8%, os formados em ambas as graduações atingiram 62,5% e por fim, 57,1% dos graduados apenas em licenciatura também descreveram o trabalho desta maneira. Além disso, um volume baixíssimo de descrições que remetem à associação com a coordenação motora com ou sem bola foi identificado.

Em relação à formação continuada do profissional através de pós-graduações ou pelas licenças de treinador (a), tanto para os profissionais que obtiveram os títulos quanto para aqueles que não passaram pelos cursos, a maioria de todas as amostras afirmou desenvolver a técnica principalmente a partir dos “fundamentos”. Porém, foi possível perceber diferenças dentre os índices alcançados por cada uma delas, pois enquanto 76,9% dos que não possuem pós-graduação descreveram trabalhar dessa maneira, em relação aos pós-graduados este número atingiu 65,6%. Já para as licenças de treinador (a), os índices atingidos pelos profissionais que as possuem e os que não possuem nenhum nível também foi similar alcançando 68,2% e 72,2%, respectivamente. Ademais como esperado, por conta dos achados acima, um número baixo de associações entre a capacidade coordenativa e o desenvolvimento da técnica. Apesar da possibilidade das licenças se tornarem importantes ferramentas de formação dos treinadores (as), rompendo com a ideia da não necessidade de formação acadêmica para atuarem como técnicos de futebol (Furtado, Kraus e Jaques, 2019), supõe-se que muitos conteúdos e temáticas importantes ao contexto do futebol são abordadas de forma superficial ou muitas vezes nem desenvolvidas, falhando no processo de preenchimento das lacunas de conhecimentos nestes profissionais.

Em todos os grupos de profissionais presentes no estudo, o desenvolvimento técnico desenvolvido a partir de aspectos coordenativos foi descrito por um volume muito baixo de profissionais. Dessa forma, a partir de hipóteses dos autores, quando o objetivo destes profissionais é trabalhar a técnica, recorrem para o método analítico. Garganta (1998) concebe que uma forma de ensino centrado nas habilidades técnicas, semelhante ao método analítico

onde as ações técnicas são ensinadas de forma hierarquizada e descontextualizada, promove um jogo pouco evoluído, em que os jogadores apresentam déficits de conhecimentos específicos e, conseqüentemente, de compreensão dos cenários de prática.

Importante que os profissionais se atentem ao processo de tomada de decisão e como ele é desenvolvido, pois será de suma importância para o treinamento da técnica, tendo em vista que a técnica não pode ser dissociada da tática e vice-versa. Temos que a tomada de decisão possui três etapas: a análise que diz respeito àquilo que o jogador está mapeando no entorno; a escolha que é o eixo da tomada de decisão, a seleção em si, e, finalmente, a ação que é a execução do que foi decidido (Monteiro, 2021). A partir do entendimento do processo da ação tática, o treinamento técnico dentro de uma perspectiva sistêmica de treino, deve estar sempre contextualizado com o jogo, pois um atleta pode saber o que fazer, ou seja, tomar a decisão correta, mas não consegue transformar esse conhecimento em ação. Essa defasagem pode acontecer em função do atleta saber o que fazer, mas não como fazer, ou seja, tem o conhecimento declarativo (o que fazer), mas não tem o processual (como fazer). Isso reforça a importância da técnica contextualizada com a situação de jogo (Sales, Guimarães e Paoli, 2014).

3.3. Conteúdo físico mais abordado nas sessões de treinamento

Tabela 11 – Conteúdo físico mais abordado

Conteúdo físico	Sistema aeróbio e anaeróbio	Sistema aeróbio	Sistema anaeróbio	Coordenação motora e propriocepção	Sem descrição específica
Ex-atletas	17,6%	17,6%	29,4%	14,7%	20,6%
Não-atletas	13,6%	9,1%	36,4%	31,8%	18,2%
Licenciatura	14,3%	14,3%	42,9%	28,6%	0%
Bacharelado	7,7%	15,4%	34,6%	23,1%	19,2%
Não-graduados	33,3%	11,1%	22,2%	11,1%	22,2%
Dupla-graduação	18,75%	12,5%	25%	18,75%	25%

Pós-graduados	12,5%	9,4%	34,4%	18,75%	25%
Sem pós-graduação	19,2%	19,2%	26,9%	23,1%	11,5%
Treinadores Licenciados	13,6%	13,6%	40,9%	4,5%	27,3%
Sem licenças	16,7%	13,9%	25%	30,6%	13,9%

A maioria dos profissionais que são ex-atletas da modalidade e aqueles que nunca foram jogadores afirmaram, em sua maioria, 29,4% e 36,4% respectivamente, trabalhar com maior frequência capacidades motoras com características anaeróbias. Todavia, em um recorte mais profundo dessa análise, identificou-se que 31,8% dos não-atletas afirmaram abordar principalmente a coordenação motora e suas componentes nos seus treinamentos, enquanto apenas 14,7% dos ex-atletas caracterizaram o trabalho físico dessa maneira. Logo, apesar das capacidades anaeróbias predominarem na maneira como a maioria dos profissionais de ambas as categorias desenvolvem à dimensão física, a coordenação motora tem sido abordada por um volume interessante de profissionais, principalmente pelos não-atletas.

Em relação à formação acadêmica inicial dos treinadores (as), a maioria de todas as amostras de profissionais que são formados (licenciatura, bacharelado e ambas as graduações) afirmaram trabalhar predominantemente capacidades motoras com características anaeróbias. Além disso, o segundo maior índice nelas também foi o mesmo, onde os profissionais afirmaram trabalhar predominantemente a coordenação motora e seus componentes. Os profissionais formados apenas em licenciatura atingiram os maiores valores para ambos os recortes, 42,9% e 28,6%, respectivamente. Na amostra de profissionais não formados em Educação Física ou que ainda estão na graduação foram identificados dados inconsistentes com a lógica anterior. A maioria da amostra, 33,3%, afirmou trabalhar um misto entre capacidades anaeróbias e a capacidade cardiorrespiratória. Ademais, o desenvolvimento coordenativo dentro dos conteúdos físicos atingiu valores irrisórios para um conteúdo de tamanha relevância. Logo, sugere-se que os profissionais não formados ou que ainda se encontram na graduação abordam a coordenação motora em grau muito menor do que quando comparados com profissionais graduados em Educação Física. Esses achados corroboram com Furtado, Kraus e Jaques (2019) pois, de acordo com os autores, a formação em Educação Física pode contribuir

para a construção do futuro treinador (a) no sentido científico em alguns contextos essenciais para seu trabalho, como os conhecimentos relacionado a área da saúde e desempenho esportivo.

Tanto para a maioria dos profissionais pós-graduados quanto para a maioria dos que não possuem pós-graduação, 34,4% e 26,9% respectivamente, o desenvolvimento de capacidades com características anaeróbias predomina dentro dos conteúdos da dimensão física. Além disso, também para ambas as categorias de profissionais, a segunda caracterização que atingiu os maiores valores coloca a coordenação motora e suas componentes como o conteúdo principal trabalhado na dimensão física, essa caracterização foi utilizada por 18,75% dos pós-graduados e 23,1% dos que não possuem o título.

A maioria da amostra de profissionais com alguma das licenças de treinador (a) afirmou desenvolver principalmente, dentro da dimensão física, com capacidades motoras de características anaeróbias, alcançando 40,9%. Em relação a maioria da amostra de profissionais não-licenciados, 30,6% afirmaram trabalhar predominantemente com a coordenação motora e suas componentes. Duas hipóteses foram formuladas pelos autores para tentar explicar essa diferença.

A primeira diz respeito ao contexto de atuação dos profissionais, já que a obtenção das licenças muitas vezes acontece por profissionais inseridos em clubes e trabalhando em categorias mais próximas do alto rendimento ou com adultos propriamente ditos. Dessa maneira, o trabalho da coordenação não predominaria e daria espaço para outras capacidades, processo diferente do que acontece aos profissionais não-licenciados que, por não possuírem a certificação, trabalham principalmente em contextos como escolinhas de futebol e projetos sociais. A segunda hipótese elaborada se relaciona com algumas críticas já apresentadas por este estudo acerca dos cursos para obtenção das licenças de treinador (a), em especial a CBF Academy. Entende-se que essas certificações não abordam o conteúdo da coordenação motora da melhor forma, desenvolvendo-o a partir de poucos módulos direcionados. No que diz respeito aos conteúdos programáticos das licenças C e B da CBF Academy, entre os 33 módulos divididos nas unidades temáticas de metodologia e treinamento para crianças e jovens, apenas um aparenta citar a coordenação motora, expondo um déficit sobre essa valência em um curso de tamanha relevância.

No que diz respeito ao processo voltado para o desenvolvimento na prática, algumas coisas devem ser levadas em consideração. Segundo Zimmermann (1987) para se treinar a

coordenação os exercícios apresentados nas sessões de ensino aprendizagem devem favorecer a variação da execução do movimento, modificação das condições externas, combinação de diferentes habilidades motoras e técnicas, execução de movimento em velocidade máxima, variação da percepção de informação, execução de movimentos após ter realizado outra atividade física e utilização do treinamento mental em forma de imaginação de movimentos.

De acordo com Kröger e Roth (2002), outra possibilidade para trabalhar a coordenação é através de seis exigências/condicionantes de pressão da motricidade (tempo, precisão, simultaneidade, sequência, variabilidade e carga), que constituem as dimensões motoras da coordenação, ou seja, parâmetros, ou fatores, que dificultam a realização gestual da tarefa em diferentes modalidades esportivas. Ainda segundo os autores supracitados as exigências de pressão da motricidade se caracterizam como solicitações emergentes do ambiente, da própria situação a serem respondidas adequadamente para a realização de um movimento, ou seja, uma ação técnico-tática.

3.4. Conteúdo tático mais abordado nas sessões de treinamento

Tabela 12 – Conteúdo tático mais abordado

Conteúdo tático	Misto de conteúdos individuais, grupais e coletivos	Princípios táticos do jogo (Def e Ofe)	Tática coletiva (Def e Ofe)	Tática grupal (Def e Ofe)	Tática individual (Def e Ofe)	Sem descrição específica
Ex-atletas	5,9%	0%	35,3%	11,8%	14,7%	32,4%
Não-atletas	8,4%	8,4%	33,3%	8,4%	16,7%	25%
Licenciatura	14,3%	14,3%	71,4%	0%	0%	14,3%
Bacharelado	3,8%	7,7%	26,9%	15,4%	19,2%	26,9%
Não-graduados	22,2%	33,3%	22,2%	0%	22,2%	33,3%
Dupla-graduação	0%	18,75%	37,5%	12,5%	12,5%	37,5%
Pós-graduados	9,4%	3,1%	34,4%	15,6%	9,4%	28,1%

Sem pós-graduação	3,8%	3,8%	34,6%	3,8%	23,1%	30,8%
Treinadores Licenciados	13,6%	4,5%	22,7%	13,6%	13,6%	31,8%
Sem licenças	2,8%	2,8%	41,7%	8,3%	16,7%	27,8%

Em relação aos profissionais que já foram atletas, 35,3% da amostra afirmou que trabalha principalmente, dentro da dimensão tática, com a organização de comportamentos coletivos, ofensivos e defensivos, de acordo com as diferentes fases e momentos de jogo. No que diz respeito aos profissionais que nunca foram atletas da modalidade, a maior caracterização encontrada, em 33,3% da amostra, também se refere à organização dos comportamentos coletivos da equipe, ou seja, tática coletiva.

A maioria dos profissionais, independente da sua formação inicial acadêmica, também trabalham a tática a partir de uma escala coletiva. Os treinadores (as) formados apenas em licenciatura foram os que atingiram o maior índice dentro dessa caracterização, alcançando 71,4% da amostra total, um valor muito acima do que nas outras categorias de profissionais. Todavia, os dados encontrados para aqueles profissionais não formados em Educação Física ou que ainda estão na graduação foram inconsistentes. A caracterização que atingiu o maior índice dentro da amostra (33,3%), diz respeito à incapacidade de descrever ou especificar quais conteúdos táticos predominam no planejamento.

Em relação aos conteúdos táticos predominantes entre profissionais pós-graduados e os que não possuem esse título, analisou-se uma coesão nos dados dos dois grupos. 34,4% e 34,6% deles, respectivamente, afirmaram que dentro da dimensão tática trabalham predominantemente com uma escala de tática coletiva, mesmos resultados encontrados na maioria das outras categorias.

A maioria dos profissionais da amostra dos não-licenciados (41,7%), também afirmaram que optam pelo desenvolvimento tático em escalas coletivas, de acordo com as diferentes fases e momentos do jogo. Para os profissionais licenciados, contrariando algumas hipóteses dos autores, essa caracterização não apresentou o maior índice, isso porque cerca de 31,8% dessa amostra não foram capazes de descrever de maneira específica os conteúdos táticos abordados com maior frequência. Esta diferença em relação aos profissionais que possuem alguma licença

de treinadores (as), foi acompanhada por um aumento geral em outras caracterizações que dizem respeito à diversas formas de se trabalhar a tática. A hipótese formulada pelos autores é de que as licenças podem apresentar diferentes abordagens de trabalho tático, o que poderia explicar a variabilidade dessas respostas encontradas para os profissionais licenciados, em relação aos conteúdos predominantes. Apesar disso, um alto volume de profissionais não foi capaz de descrever com clareza como desempenha o desenvolvimento tático em seus contextos de trabalho.

Em todas as categorias de profissionais, principalmente para aqueles não formados em Educação Física ou alunos das licenças de treinadores (as), os índices alcançados pela caracterização que diz respeito à incapacidade em descrever ou especificar quais conteúdos táticos predominam no planejamento são altos e preocupantes. Além de sinalizar uma grande dificuldade declarativa sobre conteúdos táticos por parte dos profissionais, identificou-se um padrão de resposta que pode ajudar na explicação deste fenômeno. Um alto volume de respostas que afirmavam trabalhar tudo dentro da dimensão tática, porém entende-se que muitas vezes objetivar o todo pode levar para um desenvolvimento inespecífico e com baixa incidência de diversas ações. Por conseguinte, entende-se que, “para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho basta”.

3.5. Condução de processos avaliativos periodizados

Tabela 13 – Processos de avaliações dos profissionais

Tipo de avaliação	Avaliação biomecânica, cinesiológica e/ou coordenativa	Análise física, declarativa, de jogos e treinamentos	Testes físicos e medidas antropométricas	Filmagens e scouts técnicos	Utilizam, mas não especificaram	Não utilizam e sem justificativas
Ex-atletas	5,9%	2,9%	20,6%	8,8%	17,6%	44,1%
Não-atletas	0%	8,3%	12,5%	16,7%	8,3%	54,2%
Licenciatura	0%	14,3%	14,3%	14,3%	0%	57,1%
Bacharelado	7,7%	3,8%	15,4%	7,7%	11,5%	53,8%
Não-graduados	0%	11,1%	11,1%	11,1%	11,1%	55,6%

Dupla- graduação	0%	0%	25%	18,8%	25%	31,3%
Pós- graduados	3,1%	6,3%	18,8%	21,9%	18,8%	31,3%
Sem pós- graduação	3,8%	3,8%	15,4%	0%	7,7%	69,2%
Treinadores Licenciados	4,5%	4,5%	13,6%	27,3%	18,2%	31,8%
Sem licenças	2,8%	5,6%	19,4%	2,8%	11,1%	58,3%

Apesar do alto volume de profissionais das duas amostras que não desenvolvem nenhum tipo de avaliação em seu contexto de trabalho, a maioria dos profissionais que já foram atletas avaliam mais os seus alunos, independentemente do instrumento ou objetivo, quando comparados com aqueles profissionais que nunca foram atletas da modalidade. Enquanto mais da metade da amostra dos não-atletas, 54,2%, afirmou não desenvolver nenhum tipo de avaliação com seus alunos, “apenas” 44,1% dos ex-atletas descreveram a parte avaliativa dessa forma.

Em relação à formação acadêmica inicial dos treinadores (as), a maioria dos profissionais de todas as amostras tende a não utilizar nenhum método de avaliação com seus atletas/alunos. 57,1% dos formados em licenciatura, 55,6% dos que não possuem graduação em Educação Física, 53,8% dos graduados em bacharelado e, a exceção positiva que não obteve mais da metade da amostra, 31,3% dos graduados em licenciatura e bacharelado. Uma hipótese dos autores para explicar esse fenômeno diz respeito ao contexto que muitos destes profissionais estão inseridos, que são as escolinhas de futebol e projetos sociais, que muitas vezes não favorecem a realização de avaliações por conta da curta duração e frequência dos treinos. Outro fator que pode ser levado em consideração é que em muitos contextos, esses profissionais trabalham sozinhos ou com a ajuda de apenas mais um treinador (a), o que inibe diversas potencialidades do trabalho.

Os profissionais que possuem pelo menos uma pós-graduação utilizam mais instrumentos de avaliação com seus alunos, do que em comparação com os profissionais que não possuem esse título. Apesar da caracterização que atingiu o maior índice dentro da amostra de pós-graduados (31,3%) ser relacionada a não utilização de avaliações com os seus alunos,

ao somarmos todas as outras caracterizações, temos que 68,7% da amostra total utiliza algum método de avaliação periódica em seu contexto. Já em relação aos profissionais que não possuem pós-graduação, 69,2% deles afirmaram não utilizar nenhum instrumento de avaliação.

Treinadores (as) que possuem algum nível das licenças profissionais utilizam mais instrumentos de avaliação com seus alunos do que quando comparados com os profissionais não-licenciados. Apesar da caracterização de maior índice dentro da amostra de profissionais licenciados (31,8%) ser relacionada a não utilização de avaliações com os alunos, ao somarmos todas as outras caracterizações, temos que 68,2% da amostra total utiliza algum instrumento de avaliação periódica em seu contexto. Já em relação aos profissionais que não possuem nenhuma licença de treinador (a), 58,3% deles afirmaram não utilizar nenhum método avaliativo.

A partir destes achados, supõe-se que a formação continuada a partir de pós-graduações e pelas licenças de treinador (a) contribui para que os profissionais entendam os benefícios de avaliar frequentemente os seus atletas, além de potencializar a transferência desse conhecimento para a aplicação prática. Ademais, entende-se que os profissionais que continuam se capacitando após a formação inicial em Educação Física, por exemplo pelas pós-graduações e/ou licenças, aumentam a possibilidade de se inserirem em contextos mais estruturados de ensino do futebol. A partir disso, a possibilidade de utilizar diversos instrumentos avaliativos, contar com a ajuda de mais profissionais e investir em outras possibilidades de trabalho, aumenta exponencialmente.

Além disso, temos que os profissionais ex-atletas, pós-graduados, os formados em ambas as graduações e aqueles que possuem licenças de treinador (a) tendem a fazer mais uso de testes físicos, parâmetros de controle de treinamento e medidas antropométricas. Treinadores (as) e cientistas do esporte utilizam testes físicos na seleção de talentos esportivos e no controle do processo de treinamento, através da avaliação das mudanças sobre os componentes físicos por diferentes programas de treino (Buchheit et al., 2010; Impellizzeri et al., 2005). Ademais, em um recorte mais profundo desta análise, identificou-se ainda que os profissionais licenciados e os pós-graduados tendem a fazer mais uso de avaliações técnico-táticas, conhecidos por scouts, em jogos e treinamentos. Segundo pesquisas, graças aos avanços recentes na tecnologia a análise dinâmica de variáveis complexas do jogo de futebol, possibilitou aos profissionais o potencial de avaliar rapidamente as partidas e treinamentos de acordo com os parâmetros contextuais (Ometto et al., 2018).

4. CONCLUSÃO

Os achados deste estudo permitem concluir que a trajetória progressiva e a formação acadêmica dos treinadores (as) de futebol exercem influência direta na organização das dimensões do treinamento, embora persista um núcleo comum de crenças pedagógicas tradicionais.

Identificou-se que profissionais com menor aprofundamento teórico formal, como ex-atletas e não graduados, priorizam o desenvolvimento técnico isolado, possivelmente reproduzindo modelos de sua aprendizagem informal. Em contrapartida, a formação acadêmica (especialmente bacharelado e pós-graduação) parece atuar como um divisor de águas na valorização das dimensões tática e física, sugerindo que o ambiente universitário provê ferramentas para uma leitura mais complexa do jogo.

Contudo, observa-se um descompasso paradigmático: mesmo entre os profissionais mais qualificados, a técnica ainda é abordada majoritariamente por meio de métodos analíticos e descontextualizados. Esse fenômeno indica que a mudança para métodos ativos e sistêmicos ainda enfrenta barreiras culturais e metodológicas severas, mantendo raízes em uma pedagogia tecnicista que prioriza a forma em detrimento da inteligência de jogo.

Particularmente preocupante é a ausência sistêmica de processos avaliativos. A falta de periodização de testes e o escasso uso de instrumentos de controle revelam que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) na iniciação ocorre, em grande medida, de forma intuitiva. Sem a avaliação, perde-se a capacidade de ajustar as cargas e conteúdos às janelas de desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos, comprometendo a eficácia pedagógica.

É claro o entendimento de que não existe uma avaliação ou método de treinamento ideal, pois estes são preconizados pelo conhecimento teórico do treinador, advindo da formação formal. Todavia, é possível propor um processo de formação ideal para os (as) treinadores(as), voltado à formação acadêmica e continuada, por meio de pós-graduações e licenças, entendendo que a vivência prática como atleta pode ser benéfica, mas não determinante. A formação prática não substitui a formação acadêmica, enquanto a vivência acadêmica pode suprir o conhecimento prático.

REFERÊNCIAS

- Armbrust M, Silva ALA, Navarro AC. Comparação entre método global e método parcial na modalidade futsal com relação ao fundamento passe. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo, v. 2, n.5, p. 77-81, 2010.
- Bardin L. Análise de conteúdo Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, p. 3, 2016.
- Barros G, Mesquita I, Moreno MP, Rosado A, Sousa T, Pereira P. Autopercepción de las competencias profesionales de los entrenadores de fútbol en función de la experiencia personal y de la formación académica. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v.10, n. 1, p. 23-36, 2010.
- Bloom BS, Hastings JT, Madaus GF. Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar. São Paulo: Pioneira, 1983.
- Bockorni BRS, Gomes AF. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Receu* 2021; 22(1).
- Braz TV, Spigolon LMP, Vieira NA, Borin JP. Modelo competitivo de distância percorrida por futebolistas na UEFA Euro 2008. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, v. 31, n. 3, p. 177-191, 2010.
- Buchheit M, Mendez-Villanueva A, Simpson BM, Bourdon PC. Match running performance and fitness in youth soccer. *Int J Sports Med*. 2010; 31(11):818-25.
- Cardinet, J. A avaliação formativa: um problema actual. In: Allal L, Cardinet J, Perrenoud P. A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Livraria Al-medina, 1986.
- Caríssimo JMN, Rosa EHS, Moreira RL, Ferreira RM. Os tipos de conhecimento e o perfil de treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. *Brazilian Journal of Development*. 2022; 8(10): p. 69588-69604.
- Confederação Brasileira de Futebol. 2025. Disponível em: <https://cbfacademy.com.br/> Acesso em: 06/05/2025.

Costa IT, Machado GF, Cardoso, FSL. Caderno metodológico para a formação de jogadores mais inteligentes e criativos para o jogo: case UFV Soccer Academy. Curitiba: Appris, 2023

De Ketele JM. A propósito das noções de avaliação formativa, de avaliação somativa, de individualização e de diferenciação. In: Allal L, Cardinet J, Perrenoud P. A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

Fernandes JCP, Moura DL, Antunes MM, Lima RL. Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do Futebol profissional brasileiro. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, 8(22), 1-16. 2013.

Frade V. Notas das aulas de metodologia II – Futebol. Porto: FADE-UP, 2006.

Furtado HL, Kraus DS, Jaques G. Formação de treinadores de futebol no Brasil: desafios para os programas de qualificação profissional do futebol brasileiro oferecidos pela cbf. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo: 2019, 11(41), 160-169.

Galatti LR, Scaglia AJ, Montagner PC, Paes RR. Desenvolvimento de treinadores e atletas: *Pedagogia do Esporte*. Editora da Unicamp, 2017.

Garganta J. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise de jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 1. Núm. 1. p.57-64. 2001.

Garganta, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: Graça A, Oliveira J. (Eds). *O ensino dos jogos coletivos*. 2nd ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

Impellizzeri FM, Rampinini E, Marcora SM. Physiological assessment of aerobic training in soccer. *J Sports Sci*. 2005; 23(6):583-92.

Kröger C, Roth K. *Escola da bola: um abc para iniciantes nos esportes coletivos*. São Paulo, SP: Phorte, 2002.

Leonardi TJ, Galatti LR, Scaglia AJ, De Marco A, Paes RR. *Pedagogia do Esporte: sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem*. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 216-229, 2017

Maranha DSL, Dambroz FR, Dias FAM, Cassemiro HA. A evolução dos métodos de treino no futebol: uma revisão narrativa acerca dos diferentes métodos de treinamento técnico-tático utilizados no futebol. *Rev Bras Futebol* 2024; v. 17, n. 2, 62- 76.

Marconi MDA, Lakatos EM. Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa/pesquisa bibliográfica/teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2017.

Monteiro, L. P. Tomada de decisão no futebol. Porto Alegre: Editora Buqui, 2021.

Ometto L, Vasconcellos FVA, Cunha FA, Teoldo I, Souza CRB, Dutra MB, O’Sullivan M, Davids K. How manipulating task constraints in small-sided and conditioned games shapes emergence of individual and collective tactical behaviours in football: A systematic review. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 13, n. 6, p. 1200–1214, 2018.

Paes RR, Balbino HF. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005.

Patton M. Qualitative evaluation methods. 3 ed. Califórnia: Sage, 2002.

Sales WVS, Guimarães MB, Paoli PB. Metodologias de treinamento técnico no Futebol: concepções, contextos de aplicabilidade e percepção de treinadores quanto ao sequenciamento ideal. *Revista Brasileira de Futebol*. P. 21-33. 2014.

Santos S, Mesquita I, Graça A, Rosado A. Coaches' perceptions of competence and acknowledgement of training needs related to professional competences. *Journal of Sports Science and Medicine*, v. 9, p. 62-70, 2010.

Thiollent M. Metodologia de Pesquisa-Ação. 18. Ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

Zimmermann K. Koordinative faehigkeiten und beweglichkeit. In: Meinel K, Schnabel G. *Bewegungslehre-Sportmotorik*. Berlin, 1987. p. 242-274.